+ Saúde

FOTODUETS, STOCK.ADOBE.COM

Frio, chuva e mudanças climáticas desafiam a saúde das crianças

Bronquiolite, influenza, pneumonia, VSR e crises de asma são comuns no outono e no inverno

João Carlos Batista Santana (*) e Jefferson Pedro Piva (**)

Os meses de frio e chuva costumam trazer aumento importante nas doenças infantis. Todos os anos, hospitais e emergências pediátricas registram crescimento no número de atendimentos, especialmente por problemas respiratórios. Esse cenário vem se tornando mais complexo por causa das mudanças climáticas, da circulação de novos vírus e do maior número de crianças com doenças crônicas.

Ao mesmo tempo em que a medicina avançou e reduziu a mortalidade infantil, surgiram novos desafios. Em março de 2026, a Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou a menor taxa global de mortalidade em crianças menores de cinco anos da história, com redução superior a 50% em relação ao ano 2000. Mais crianças sobrevivem hoje a doenças antes consideradas fatais. Porém, também aumentou o número de crianças com maior fragilidade clínica, como aquelas com doenças genéticas, cardiopatias congênitas e doenças pulmonares crônicas.

Essas crianças têm risco muito maior de agravamento durante infecções respiratórias. Em alguns casos, o risco de morte pode ser até 15 vezes superior ao das demais crianças. Por isso, os períodos de outono e inverno exigem atenção especial das famílias e dos profissionais de saúde. Entre as doenças mais comuns nessa época estão bronquiolite, influenza, pneumonias e crises de asma. O principal responsável pelos quadros graves em bebês é o Vírus Sincicial Respiratório (VSR), capaz de causar intensa inflamação nos pulmões e nas vias aéreas. Estima-se que ocorram cerca de 33 milhões de infecções associadas ao VSR todos os anos em crianças menores de cinco anos, sendo que parte delas evolui com necessidade de hospitalização.

Os bebês são particularmente vulneráveis porque o sistema respiratório ainda está em desenvolvimento. Os pulmões possuem menor área para troca de oxigênio, e as vias respiratórias são mais estreitas. Assim, qualquer inflamação pode dificultar bastante a passagem de ar. Em quadros graves, pode ocorrer insuficiência respiratória e necessidade de internação em UTI.

Disseminação de doenças

O frio também favorece a disseminação das doenças. As pessoas permanecem mais tempo em ambientes fechados e pouco ventilados, facilitando a transmissão de vírus. Mudanças bruscas de temperatura, poluição, fumaça e queimadas agravam ainda mais o problema, especialmente em crianças asmáticas ou com doenças respiratórias prévias. Nos últimos anos, eventos ambientais extremos mostraram como o clima interfere diretamente na saúde infantil. Enchentes, ondas de frio intenso e períodos prolongados de má qualidade do ar aumentam não apenas as doenças respiratórias, mas também problemas gastrointestinais, dermatológicos e emocionais.

A superlotação das emergências pediátricas não ocorre apenas pela sazonalidade das doenças. Ela também reflete dificuldades estruturais do sistema de saúde e desigualdades sociais. Muitas famílias atrasam vacinas ou procuram atendimento apenas quando a criança já está mais grave. Como consequência, aumentam os tempos de espera, o desgaste das equipes e o risco de complicações.

Na maioria das vezes, a piora clínica nas doenças respiratórias acontece de forma gradual, permitindo que os pais percebam sinais de alerta. Entre eles estão dificuldade importante para respirar, afundamento das costelas durante a respiração, lábios arroxeados, sonolência excessiva e cansaço intenso. Nessas situações, o atendimento médico deve ser imediato.

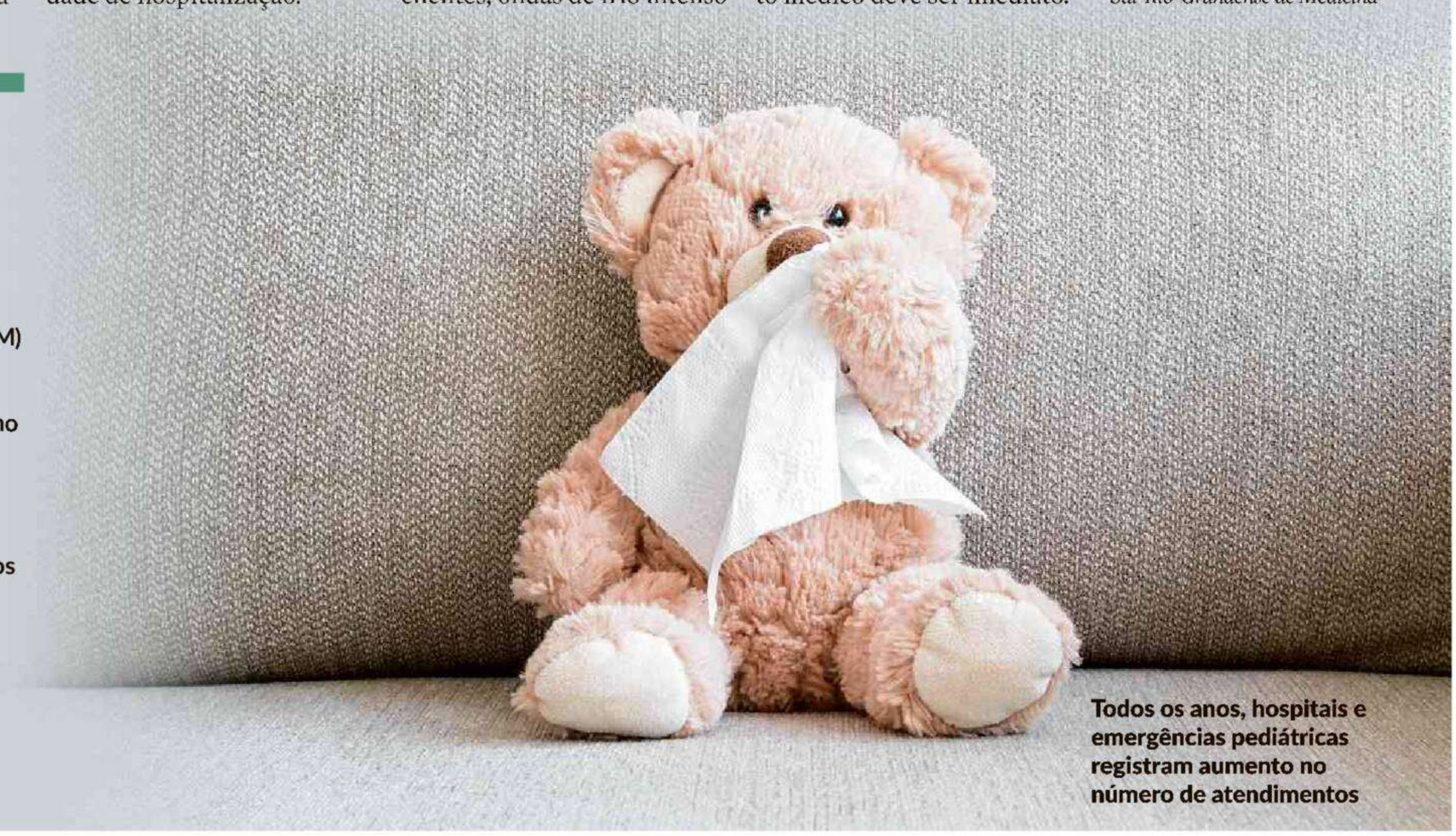
A prevenção continua sendo a melhor estratégia. A vacinação contra influenza reduz hospitalizações e complicações. Recentemente, o SUS passou a disponibilizar novas medidas preventivas contra o VSR, como anticorpos monoclonais para bebês de maior risco e vacinação de gestantes a partir da 24ª semana de gravidez. Além disso, medidas simples como higiene das mãos, ambientes ventilados e atenção precoce aos sintomas continuam fundamentais.

Cuidar da saúde infantil nos meses mais críticos exige mais do que tratar doenças. Exige fortalecer a prevenção, ampliar a vacinação e preparar os sistemas de saúde para responder rapidamente aos períodos de maior demanda. —

(*) Chefe da Unidade de Emergência Pediátrica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre e professor adjunto do Departamento de Pediatria da UFRGS
(**) Professor titular de Pediatria na UFRGS e membro titular da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina

Parceria com a Academia

- Este artigo faz parte da parceria firmada entre Zero Hora e a Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina (ASRM) em março de 2022.
- Uma vez por mês, o caderno Vida publica conteúdos produzidos por médicos da entidade.
- A ASRM completou 35 anos em 2025, conta com cerca de 90 membros de diversas especialidades e atualmente é presidida pelo psiquiatra Sérgio de Paula Ramos.



Todos os anos, hospitais e emergências pediátricas registram aumento no número de atendimentos